

«LIMINAL» — EVA DÍEZ

12.10.2022 — 03.12.2022

«De como a paisagem se fecha na fenda!»

A revisão do conceito de casa e a sua identificação com as diferentes individualidades, tem ocupado desde o início o interesse de Eva Díez, e parece metamorfosear com cada nova proposta, reclamando uma encarnação cada vez mais elementar. Esse simbolismo que povoa suas imagens avança agora para o seu próprio centro, levanta uma atenção introspetiva a partir da qual absorver um processo de empatia que se liga ao universal. A série «Liminal», iniciada como resultado da situação de confinamento decorrente da pandemia, contém, entre outras coisas, silêncio. O silêncio surgido dessa paralisia simultânea das dinâmicas sociais que impulsionou a converter o doméstico no lugar da ação e do pensamento e que, para a artista, conformou uma alteração na abordagem da sua produção mais imediata. Se inicialmente a observação da paisagem permitia o trânsito entre o estético e o emocional, neste caso se sincroniza com a atenção para a pegada, o inadvertido. O motivo desvaneceu a sua forma e os horizontes que antes procuravam extensos encontram-se na admiração do mínimo: no canto do quarto, na imperfeição do teto, na parede rasgada... cada uma destas cicatrizes evidencia a tensão do tempo e sua constante interação na memória dos corpos. É assim que Eva Díez ausculta seu interior acionando um sentir coletivo: torna visíveis as fendas do seu lar para situá-las em relação ao mundo; uma fratura no nosso modo de vida desvenda as falhas do sistema.

Eva Díez relata a experiência de olhar para dentro, apresentando-a como uma revelação do sistema do eu no que colidem, a força e as feridas. Falamos, no entanto, de uma intromissão compartilhada, que atinge a sua leitura global a partir da sofisticação da imagem. Assim, a questão da fenda permeia o biográfico para imediatamente desenhar uma trama maior onde o humano se acopla ao bater da terra, e vice-versa, em um palimpsesto constante. Reconhecemos o rasto de uma paisagem onipresente que reencarna no simbolismo para continuar a lidar com conceitos como o de vácuo, representado através de uma cuidada consciência cromática e compositiva. Podemos intuir essa ideia de construção a partir da não-forma que reconhece a estética zen, o gesto de tornar visível o anódino, em consonância com fundos onde o espaço neutro adquire protagonismo. É o vazio, de acordo com a filosofia taoísta, o que permite as coisas acontecerem e faz respirar o seu conteúdo.

Também José Ángel Valente reclama o centro como um lugar deserto mas, por sua vez, repleto de acontecimentos, de indícios e suspeitas da vida: "O centro apagou. Estava aqui, onde estiveste. Rápido o dardo acerta o alvo no seu centro. Permanece a vibração. Ainda a sentes?" (Não amanhece o cantor, 1992). Assim acontece nesta série, onde o não-narrado nutre novas presenças dependentes da atitude emocional que disponhamos com o nosso olhar.

Há, além disso, alguma ambiguidade e contrastes simultâneos em que o campo de ação ultrapassa os limites de cada peça para colocá-la em diálogo direto com a seguinte. A tradução da imagem, em seu formato vertical, gera um corte na percepção; tenta parar o horizonte que prolongamos na imaginação quando a fotografia termina. Como em um jogo de presenças e ausências, Eva Díez coleta as rachaduras de um tempo em fuga e coloca-as ao serviço do exterior polarizando o seu significado. Seguindo um caminho atípico, as decisões de materialização formal se distanciam da própria realidade estabelecida ao detalhar a sua presença física desde um caráter de objeto, ou melhor, desde uma operação de hibridação transferida entre o campo escultural, o pictórico e fotográfico. Dá-se uma nova exploração do material plástico, compreendido em uma dimensão tátil que encarna o desejo de nos aproximarmos da imagem; senti-la como extensão da pele. Talvez estas sensações, surgidas a modo de pulsão ao contemplar a série, tenham que ver com um processo produtivo que, como é habitual no trabalho de Eva Dez, tem o seu início no emocional. A nível individual são significados como a escrita do que intuímos uma linha de vida, fragmentos tão etéreos como definidos, enquanto a proposta compositiva alcança uma descontinuidade procurada, como em um deserto de sintonias cruzadas, e é neste diálogo onde se desenvolve um maior grau de correlação com o espaço natural. A fenda, tão simples como abismal, não deixa de referir as relações atuantes da natureza. A metamorfose começa com a noção de uma montanha simulada, bela na distância, mais esmagadora e vibrante assim que alcançamos o seu centro. De longe o motivo se desloca da sua realidade, mas, a cada passo que damos para a imagem, começa a adivinhar-se a surpresa do cotidiano. Se em um primeiro relance se entoa o tempo da pausa e da quietude, o da paisagem simulada, a observação atenta reconhece outro tipo de cenário: o da paisagem vivida, íntima, e seu desgaste.

«Liminal» é como uma leitura multiplicada, tem a faculdade de associar o racional e o simbólico para verter as suas qualidades, como aquele empenho de Maria Zambrano para impulsionar a rebelião da vida contra a soberba da razão. Neste caso, a rebelião começa com a fenda: porque através de seus pequenos sulcos podemos indagar nas fundações da casa, assimilar a sua essência. "Todo organismo vivo busca possuir um vazio, um buraco dentro de si", disse Zambrano (Claros del bosque, 1986). Eva Díez estabelece um paralelismo entre a fenda, a fissura interior e a paisagem. Diante da impossibilidade de absorver, como em outras ocasiões, a imensidão do espaço natural, situa o foco no reconhecimento do próximo, no olhar interior, para depois ir dilatando seus confins. Fazendo elogio das nossas dobras, esse registro primitivo gerado na discrição do eu, consegue distanciar-se do cenário privado num exercício calculado de depuração visual e conceitual estreitamente ligado à capacidade de evocação da artista. Produz-se certo hipnotismo perante a imagem, o ritmo de receção é lento, como o da pintura, como o do tempo de confinamento; é o preciso para entregar-se a uma proposta onde a casa e a montanha fingem ser um mesmo esconderijo. A fenda é cicatriz e é luz. E é raiz: a raiz de um lar que range para advertir seu movimento sísmico.

Liminal poderá ser ainda, o fruto de uma reflexão interior. Da sublimação do sofrimento, a aceitação de defeitos, erros e feridas, encontrando, buscando nelas, a beleza possível que, de algum modo as justifica e redime.

Eu, que sou das letras e, portanto, em desvantagem, pois cada imagem que o olhar poético da Eva Díez e a sua sensibilidade rara observa, revela e cria, vale bem mais de mil palavras, olho para essas fissuras e vejo histórias e lugares. Numa fotografia entrevejo os cumes dos Himalaias, noutra, um bando de aves, pela forma das asas, gaivotas bem distantes, como as que desenhávamos nos horizontes dos desenhos da nossa infância.

Descubro ainda os primeiros sinais da rotura de um glaciar, ou, porque não, que outra coisa faria mais sentido, na Galeria da Ana Matos, neta de Saramago, o momento inicial e primordial da criação de uma jangada de pedra, que se separa do seu continente?

E não posso deixar de me comover com as duas fissuras que correm, paralelas, como se fossem amantes desencontrados que apenas se veem a uma tantalizante distância, demasiado perto para não darem pela presença um do outro, demasiado longe para se poderem tocar.

Quantos livros não caberiam nestas fotografias? Tantos, quase todos.

Que resta falar de Liminal?

Do mar. Não um mar qualquer. O mar de Finisterra, onde o mundo acaba. O mar da Galiza, de quem Eva tanto é. O mar de Eva e do seu olhar, santuário de ambos, infinito de cores, nuances, espuma, profundidade, chamamento. O mar que reflecte o firmamento e com ele se funde e confunde, diluindo a fronteira entre ambos. O mar de Eva, a que retorna sempre, símbolo maior da natureza, berço da vida do nosso planeta. Ali começou tudo. Ele é o ponto de partida, o Liminal de quem somos ou podemos vir a ser, mas também o lugar de regresso, e chegada, demonstração da natureza cíclica da vida.

Chegados aqui, termino dizendo que Liminal revela Eva Díez na plenitude do domínio da linguagem da sua poesia visual, uma demonstração vital do seu enorme talento, a que espero não ter feito total injustiça.